Globethics Repository



Por mais tímido que seja, já se sente um movimento rumo a uma mudança na mentalidade empresarial [No matter how timid it may be, there is already a movement towards a change in the business mindset]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Sidney Dallabrida, Ivan
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-09 03:59:06
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162944

uma efetiva medição do desempenho. É preciso discutir quais os critérios e como conciliar as respostas quando os públicos participantes divergem de opinião. Também é preciso saber o que fazer quando a resposta negativa se deve à falta de conhecimento do respondente. No âmbito da responsabilidade social perante o público interno, a Norma SA 8000 tem sido utilizada por algumas empresas que buscam certificação. A AS 8000 combina as convenções da OIT com a metodologia ISO. O processo de certificação deve ser feito por uma das empresas de consultoria independente, credenciadas pela Social Accontability International (SAI), de acordo com uma metodologia padrão. Os critérios versam, entre outros, sobre trabalho infantil, trabalho forçado, saúde e segurança, liberdade de associação sindical, discriminação, horário de trabalho, horas-extras e remuneração. Com relação a normas auditáveis para o desempenho da empresa com a comunidade, ainda há um longo espaço a percorrer.

(Voltar ao índice)

"POR MAIS TÍMIDO QUE SEJA, JÁ SE SENTE UM MOVIMENTO RUMO A UMA MUDANÇA NA MENTALIDADE EMPRESARIAL"

Entrevista com Ivan Sidney Dallabrida

Ivan Sidney Dallabrida é servidor público da Prefeitura Municipal de Timbó (SC). Graduado em Administração pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), especialista em Gestão Estratégica de Negócios e mestre em Desenvolvimento Regional pela mesma universidade, foi o vencedor do Prêmio Ethos-Valor 2005 – Categoria Pós-Graduação, com o trabalho Responsabilidade Social Empresarial (RSE) e Economia de Comunhão (EdC): Racionalidade Empresarial na Construção do Desenvolvimento Sustentável. O prêmio, no valor de R$ 6.000,00 (além de um troféu e da publicação do trabalho) foi entregue no último dia 31 de maio, em São Paulo. Ivan Dallabrida foi entrevistado por e-mail.

***IHU On-Line* - Seu trabalho aborda o desenvolvimento sustentável como "utopia do possível". Como define desenvolvimento sustentável e quais os argumentos mais importantes para ver nele uma utopia possível?**

Ivan Dallabrida - Considero abrangente a definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), ou seja, a de que "o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades". Isso porque o conceito encerra a perspectiva de uma solidariedade intra e intergeracional para a construção do desenvolvimento sustentável, isto é, uma preocupação com o futuro. O conceito está longe de ser uma unanimidade – uma característica de toda e qualquer teoria emergente -, mas representa um avanço por, pelo menos, admitir a insustentabilidade do modelo vigente. Quanto à utopia, prefiro utilizar as palavras do teólogo Leonardo Boff: "esta (a utopia) não é algo que se opõe ou nega a realidade, mas pertence à realidade à medida que expressa as potencialidades da realidade ainda não concretizadas". Mesmo assim, seria muito ousado afirmar que exista um modelo perfeito de DS, seja em nível internacional, nacional ou local. Mas é neste último nível que encontramos movimentos que representam, dentro de suas limitações, experiências e práticas na tentativa de consolidar a transição para o DS; transição que exige uma parceria entre Estado, mercado e sociedade civil. Essas experiências são representadas por iniciativas como as de

Responsabilidade Social Empresarial (RSE), de Economia de Comunhão (EdC), do Terceiro Setor, entre outras.

***IHU On-Line* - O que deve mudar nas empresas brasileiras para que contribuam para o desenvolvimento sustentável?**
Ivan Dallabrida - A empresa moderna se constitui numa das instituições mais adaptáveis e versáteis, fazendo frente às mudanças de cenário: por isso, desempenha papel de liderança na transição para o DS. Isso não quer dizer que estamos num contexto positivo em termos sócioambientais. Os conceitos da RSE e do DS são bastante recentes e a internalização destes pelas empresas não é algo que acontecerá da noite para o dia. Muitas empresas estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável, especialmente em nível local, por meio de uma atuação efetiva que se caracteriza por irem além daquilo que é exigido pela legislação: na maior parte, essa contribuição remete a projetos que privilegiam os públicos internos, a comunidade e o meio ambiente. Mas para que essa contribuição transforme a realidade, é necessário que haja uma mudança de mentalidade: não se processará nenhum avanço sem que conceitos sejam revistos, condicionamentos e preconceitos sejam modificados. Sob a ótica empresarial, sabe-se que a competitividade extrema desencadeada pela globalização faz com que as empresas não consigam se desvincular da idéia da necessidade do lucro e do retorno do investimento o mais breve possível. Esses objetivos, na maioria das vezes são alcançados às custas de poluição e degradação ambiental, comprometimento da qualidade de vida dos trabalhadores, exploração do consumidor, desigualdade social e concentração de renda, desemprego e subemprego, corrupção, fome, miséria e outras mazelas. A gestão para a sustentabilidade reclama que as empresas incorporem, em sua maneira de fazer negócios, o *triple bottom line*, ou seja, as dimensões social, econômica e ambiental, permeadas por uma dimensão ética.

***IHU On-Line* - Que aspectos destacaria na evolução do conceito de Responsabilidade Social Empresarial?**
Ivan Dallabrida - Como todo conceito, sua ampliação reflete a própria evolução da sociedade. Dentre os aspectos que poderia destacar neste sentido, citaria três: primeiro, a assunção da RSE como forma de gestão, deixando para trás a idéia da RSE como apenas mais um setor ou departamento organizacional, ou simplesmente como uma obrigação do empresário. Enfatiza-se dessa forma que o conceito faça parte da cultura e estratégias organizacionais, englobando planejamento, acompanhamento, coordenação e avaliação de resultados; em segundo lugar, a incorporação de metas compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, determinando com que as empresas assumam um compromisso com a redução das desigualdades sociais, preservação ambiental e cultural, respeito à diversidade, etc.; finalmente, a atuação de organizações como o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Fundação Instituto para o Desenvolvimento Econômico e Social (Fides) e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife), que promovem a disseminação do conceito em nível nacional.

***IHU On-Line* - O que é a Economia de Comunhão? Quais experiências brasileiras poderia citar?**
Ivan Dallabrida - De forma sintética, o fenômeno da Economia de Comunhão (EdC) é traduzido pela incorporação de valores, como a comunhão, a partilha, a solidariedade e o amor ao mundo dos negócios. É uma filosofia empresarial recente, nascida em 1991, na cidade de São Paulo,

pela idéia de Chiara Lubich[3] e que conta hoje com, aproximadamente, 800 empreendimentos no mundo e uma centena no Brasil. As empresas vinculadas ao projeto da EdC representam ambientes promotores de igualdade social e de oportunidades no agir econômico. Os valores postos em prática pelos empresários da EdC são "emprestados" do movimento dos Focolares (ver www.focolares.org.br), que possui cinco milhões de integrantes leigos, religiosos, não-religiosos, e sem credo religioso em todo o mundo, e tem viés espiritual, caritativo, social, econômico, político, ecumênico, inter-religioso, cultural etc. Sua essência consiste na chamada "cultura do dar", que preconiza a comunhão de bens entre todos os membros e em consistentes obras sociais. Uma das características importantes das empresas da EdC é a cultura da partilha, representada pela divisão tripartite do lucro da seguinte forma: a) ajudar pessoas em situação de pobreza, inicialmente no âmbito do Movimento dos Focolares: a ênfase não é dada à filantropia, e as pessoas que se encontram em situação econômica precária não são consideradas assistidas ou beneficiários da empresa; b) promover a formação humana a fim de fortalecer a matriz cultural que lhe dá respaldo: quando se fala na constituição de uma comunidade de pessoas responsáveis e motivadas, a EdC está falando da formação de "homens novos", os quais garantirão a expansão dos paradigmas da unidade e da solidariedade; c) reinvestimento na própria atividade produtiva, de modo que ela se mantenha economicamente viável. A empresa pesquisada em meu estudo é a Metalsul Ltda, localizada em Joinville (SC): uma empresa de pequeno porte do ramo metal-mecânico. Poderia citar ainda a Prodiet Farmacêutica, localizada em Curitiba (PR), e a FEMAQ Engenharia e Máquinas, localizada em Piracicaba (SP), que também já foram objetos de outros estudos.

***IHU On-Line* - Qual é a principal limitação das empresas brasileiras na hora de pensá-las como agentes de desenvolvimento sustentável? Como acontecem as relações entre o governo e as empresas? Há uma exigência mútua para que todos contribuam na construção da sociedade sustentável?**

Ivan Dallabrida - Penso que o maior problema é o desvirtuamento do conceito da Responsabilidade Social por empresas que o utilizam como " atuação cosmética" para fins que não tenham o compromisso ético como referencial. Não são raros os casos em que empresas utilizam o conceito unicamente como forma de estabelecer vantagem competitiva ou uma boa imagem para a opinião pública. Aí, ressalta-se a importância do engajamento da sociedade (por exemplo, do consumidor consciente) e da mídia para a divulgação das chamadas empresas oportunistas. No que diz respeito às relações entre o governo e as empresas, vale dizer que o ecodesenvolvimentista Ignacy Sachs[4] já ressaltava, há três décadas, que "eqüidade social, prudência ecológica e eficiência econômica devem seguir juntas, reclamando novas formas

[3] Chiara Lubich, nascida na Itália, em 1920, fundou e preside o Movimento dos Focolocares. Nascido e aprovado na Igreja Católica, o Movimento dos Focolares, atualmente, está presente em 182 países (mais de 120.000 membros internos e mais de 2 milhões de aderentes e simpatizantes). Aberto a todos, reúne - pelo seu ideal de unidade, de fraternidade universal - , além dos católicos, cristãos de várias denominações, fiéis das grandes religiões e pessoas que não professam uma fé religiosa (Nota do ***IHU On-Line***).

[4] Ignacy Sachs, nascido em Varsóvia, em 1927, é eco-socio-economista. É professor da Escola de Altos Estudos e Ciências Sociais, em Paris, e co-diretor do seu Centro de Estudos sobre o Brasil contemporâneo. Escreveu mais de 20 livros, dos quais estão publicados no Brasil ***Capitalismo de Estado e Subdesenvlvimento: Padrões do setor público em economia subdesenvolvida.*** *Petrópolis: Vozes, 1969.* ***Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.*** São Paulo: Vértice, 1986. ***Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento.*** São Paulo: Vértice, 1986. ***Desenvolvimento includente, sustentável e sustentado.*** Rio de Janeiro: Garamond/Sebrae, 2004 (Nota do ***IHU On-Line***).

criativas de associação entre Estado, mercado e sociedade civil". O papel do governo é importante, tanto que compromissos como a Agenda 21 e as Metas do Milênio surgiram do reconhecimento de que se vive numa situação de risco para as instituições e para a própria vida no planeta, deve-se ter em mente, porém, que o Estado, de forma geral, sempre foi visto como uma instituição rígida, cujas mudanças se processam de forma lenta. Essa característica é um entrave para que conceitos como da RSE e do DS se tornem pauta sólida de uma agenda. Do ponto de vista das empresas, uma boa relação com as instâncias governamentais pelo cumprimento da legislação, faz parte do comportamento socialmente responsável. Por outro lado, muitas empresas participam dos processos decisórios dos governos (especialmente locais) mediante a atuação em conselhos e fóruns, compartilhando responsabilidades pelos rumos do processo de desenvolvimento.

***IHU On-Line* - Tendo vencido a 5ª edição do Prêmio Ethos-Valor, o senhor poderia falar um pouco sobre o trabalho apresentado, especificamente?**
Ivan Dallabrida - Por mais tímido que seja, já se sente um movimento rumo a uma mudança na mentalidade empresarial. Muitas experiências são amplamente divulgadas, pois a transparência se constitui num dos vetores da RSE; outras tantas alcançam resultados positivos, mas permanecem no anonimato. O objetivo deste trabalho foi o de pesquisar duas empresas, uma promotora de projetos de SER[5], e outra vinculada ao projeto da EdC. Nesse processo, verificou-se que as experiências analisadas trouxeram - respeitadas as suas limitações e não as tornando "modelos de excelência" ou "projetos acabados, - conclusões importantes quanto às possibilidades de se ter, numa sociedade de mercado e num contexto de globalização competitiva, onde os braços da racionalidade econômica se estendem para todos os ambientes e direções -, empreendimentos dotados da capacidade de tornar "pensável" a construção de uma sociedade sustentável. Em virtude da urgência e, no caso brasileiro, da própria situação conjuntural, em que programas governamentais ligados à área social são instrumentalizados, abrem-se lacunas para a atuação socialmente responsável das empresas. Espero que as reflexões deste trabalho representem, mesmo que de forma acanhada, uma contribuição ética e social para o País, porque o momento exige reflexão, e que se coloque em prática toda a teoria desenvolvida. Muitas pessoas estão trabalhando (e colocando a "mão na massa", na maioria das vezes no anonimato) para tornar suas comunidades lugares socialmente mais justos, ambientalmente mais equilibrados e economicamente viáveis.

***IHU On-Line* – O senhor gostaria de acrescentar outros comentários?**
Ivan Dallabrida - Gostaria de finalizar agradecendo a oportunidade que me foi dada. As universidades, como produtoras de conhecimento, agentes de transformação social e formadoras de líderes, também devem incorporar a Responsabilidade Social em seu campo de atuação. O Prêmio Ethos-Valor é o exemplo concreto do trabalho que uma parcela do mundo universitário (estudantes e professores) vem desenvolvendo sobre questões importantes para o futuro da sociedade.

(Voltar ao índice)

[5] A sigla SER designa as práticas de educação reintegradora (Nota do ***IHU On-Line***).